

## 9 Considerações finais

Retomo, em minhas considerações finais, as questões centrais da pesquisa, face as minhas indagações e ao percurso de análise ao longo dos capítulos.

As perguntas de pesquisa foram norteadoras para o desenvolvimento das entrevistas e pretendiam responder aos seguintes questionamentos:

- 1) Como é ser professor em uma instituição bilíngue, com uma proposta internacional, no Rio de Janeiro?
- 2) Como os professores se manifestam em entre-lugares institucionais e culturais, entre a sociedade brasileira e a inglesa, no contexto de uma escola bilíngue, com uma proposta internacional?
- 3) Como é entendida, pelos professores, a proposta de internacionalização adotada pelo novo currículo escolar na instituição?

A fim de apresentar de que forma os posicionamentos identitários se construíram, organizamos em estrutura de tópicos os resultados observados, de acordo com a análise dos dados. Como as entrevistas foram realizadas com grupos distintos, também a conclusão seguirá o mesmo formato, apontando para as questões identitárias individuais e coletivas de professores brasileiros e ingleses articuladas durante a análise. Ao debruçar-me sobre o estudo dos segmentos apresentados, proponho uma interpretação sobre as configurações e reconfigurações identitárias dos participantes no entre-lugar cultural ao longo do processo das entrevistas.

### 9.1 Posicionamentos individuais e coletivos dos grupos de profissionais sobre como ser professor em uma instituição bilíngue

#### 9.1.1 Professoras brasileiras

Observamos que as professoras brasileiras constroem (a) posicionamentos identitários reflexivos do *self* de ordem social e pessoal (Davies e Harré, 1990;

Van Langenhove e Harré, 1999); (b) posicionamentos identitários coletivos (Snow, 2001);(c) posicionamentos deliberados do outro, sejam estes alunos, outro participante da interação, ou membro da comunidade inglesa; (d) posicionamentos em relação ao idioma em que lecionam.

a) Em relação à instituição

A posição assumida por Talita em suas linhas de histórias reflete uma construção identitária em conflito entre o seu papel profissional na instituição e sua trajetória profissional. Sua linha de história apresenta um processo discursivo permeado por metáforas como instrumento para posicionar-se e posicionar a instituição. Os *accounts* narrativos (De Fina, 2009) constroem o posicionamento reflexivo desta participante em um processo dialógico de retomada de sua trajetória profissional, contrastando com a construção de identidade institucional em desalinho com sua experiência. Além disso, o processo coconstruído na entrevista com as brasileiras contribui para a reconfiguração identitária profissional de Talita.

No que tange o processo de ingresso na instituição, as três participantes apontam para questões que remetem a uma construção de identidade regida por padrões institucionais de enrijecimento. A linguagem metafórica e a utilização de indexais paradoxais apontam para uma reconstrução dicotômica das identidades das participantes, visto que costumam posicionamentos reflexivos de si e do outro alternando entre avaliações sobre o “bom” versus “ruim”, o “encaixotar”, e o *YellowSubmarine*. Tais metáforas sugerem a construção de identidades profissionais oprimidas. O *account* narrativo teve como papel fundamental narrar eventos de recapitulação do passado profissional de Andréia remetendo a um *self* profissional em processo de reconfiguração identitária reflexiva, na ordem institucional.

b) Em relação à atuação no contexto sociocultural

Enquanto posicionam o idioma oficialmente utilizado para lecionar na instituição, as entrevistadas coconstruem suas identidades de ordem sociocultural. Tais posicionamentos sobre o idioma apontam para um processo de reconfiguração pessoal e profissional, abrindo espaço para as identidades construídas no entre-meu. Tomaremos como exemplo a construção identitária híbrida de Talita, que

flutua entre a personagem dos sonhos, “a inglesa”, e sua realidade sociocultural “a brasileira”. A partir de construções de *self* reflexivo, Talita posiciona-se pessoal e profissionalmente indicando que ambos os *selves* se reclamam. A identidade de Talita aponta para o coletivo baseado em construtos políticos e socioculturais que coexistem dentro da comunidade de prática da qual ela faz parte. O idioma oficial da instituição suscita a transformação, a fragmentação das identidades nacionais do *self* das participantes, abrindo espaço para uma construção de identidade híbrida, multifacetada.

Ao debaterem sobre a valorização dos profissionais brasileiros a partir da comparação entre os diferentes graus de certificação destes, as participantes enfrentam uma situação de conflito. Márcia e Andréia assumem uma identidade coletiva enquanto professoras especialistas e, ao mesmo tempo que se posicionam, posicionam Talita como não membro deste grupo. Ao refletirem sobre a valorização da identidade sociocultural de seus papéis na instituição, as três participantes posicionam deliberadamente o outro, o olhar do profissional estrangeiro sobre as funções profissionais praticadas no Brasil. Tal posicionamento aponta para uma visão de alteridade e ambivalência os profissionais nacionais, e os formados fora deste âmbito. Ao mesmo tempo em que as professoras brasileiras lutam pela construção de sua própria identidade social e profissional, elas o fazem a partir da comparação com outro grupo sociocultural, posicionado no discurso das participantes como a imagem do poder.

As identidades sociais no contexto intercultural em questão são múltiplas, fragmentadas e contraditórias. O não entendimento dessa natureza pode acarretar a polarização entre o ser apenas um ou outro. Assim, o indivíduo constitui-se nesse movimento de vai e vem da percepção e da representação do outro sobre ele mesmo. Para Moita Lopes (2002, p.198), é através da linguagem que as pessoas agem no mundo e constroem significados, na relação com os demais participantes do discurso, tornando-se assim, conscientes de si mesmas e construindo suas diversas identidades.

### 9.1.2 Professores ingleses

Observaremos, nesta seção, como os professores ingleses constroem (a) posicionamentos identitários reflexivos do *self* de ordem social e pessoal coletivos; (b) posicionamentos identitários coletivos; (c) posicionamentos deliberados do outro, sejam estes alunos, outro participante da interação, ou membro da comunidade brasileira.

#### a) Em relação a sua função na instituição

A alternância pronominal no discurso de Paul sobre seu papel na instituição indexa identidades individuais e coletivas do *self* e da comunidade inglesa. As estratégias de mitigação dos atos de fala sugerem a estratégia de proteção de face, a fim de manter a harmonia da interação, entre a pesquisadora representante da comunidade brasileira e os entrevistados, de nacionalidade inglesa. Os entrevistados se posicionam profissionalmente enquanto modelo para outros profissionais legitimando sua posição na instituição.

O processo de construção de identidade dos professores ingleses em relação a sua função passa por uma reconfiguração baseada no relacionamento com o corpo discente da instituição. A partir de comparações entre a realidade dos alunos brasileiros e dos ingleses, os professores constroem posicionamentos deliberados de ambos os grupos discentes, porém estereotipando o *out-group*. As metáforas utilizadas remetem a uma situação de conflito entre a desvalorização do idioma inglês pelos alunos e a utilização da língua materna deste grupo.

#### b) Em relação à atuação no contexto sociocultural

Ao debaterem sobre a valorização de sua identidade cultural em contato com a comunidade brasileira, os professores ingleses construíram identidades baseadas em questões de diferenças culturais. A partir da construção de posicionamentos ambivalentes entre o *in-group* e o *out-group* em situações de contato, aponta para identidades coletivas socioculturais em desconforto. A utilização de estereótipos e de estratégias de mitigação surge como uma ferramenta linguístico-discursiva de manutenção das diferenças culturais e legitima a construção da hegemonia de uma cultura sobre a outra.

Um exemplo destas relações com os membros de outra realidade sociocultural em conflito e desacordo são os posicionamentos de *self* de Paul, Helen e Susan, discursivamente construído com metáforas. Enquanto Paul constrói uma reconfiguração de identidade híbrida construída no entre-lugar, Susan apresenta uma construção identitária que endossa a fixidez e o engessamento de seu posicionamento sociocultural, como um elo seguro de identificação com sua terra natal.

O envolvimento interacional dos professores ingleses se constrói de forma diferenciada se comparadas à entrevista com as brasileiras. Atribuo este fato a algumas possíveis razões: (a) ao momento de entrevista que pode gerar um desconforto; (b) ou ao fato de a pesquisadora fazer parte da mesma comunidade de prática profissional e, no entanto, pertencer a um grupo sociocultural diferente. Qualquer uma destas razões são apenas pressuposições balizadas pelo pré-conhecimento e pela interpretação da pesquisadora sobre o grupo inglês.

Apesar do conhecimento compartilhado sobre a comunidade de prática (Wenger, 1998) em que estamos inseridos, considero que fui posicionada como *outsider* (Ting-Toomey, 1999) ao longo da entrevista com o grupo inglês, o estrangeiro (Landowski, 1997), seja por um posicionamento forçado de *self* de entrevistadora ou de membro da comunidade brasileira.

## 9.2

### **Reflexões sobre o novo currículo e o internacionalismo na construção identitária dos professores**

O debate proposto pelo currículo IPC sobre o internacionalismo sugere que as atenções se voltem para o contato real entre-culturas (Bhabha, 1996;1998), para o olhar sobre o outro. Uma das propostas desta pesquisa foi associar o debate sobre o internacionalismo e as questões do hibridismo para a formação de um entre-lugar cultural e social. Enquanto a globalização olha para o ser econômico voraz, reforçando a diferença e a segregação entre culturas, o internacionalismo volta-se para o ser social, para as relações interculturais em contato. Nas seções, a seguir, comentaremos de que forma o debate sobre o internacionalismo e o ideal de um processo de construção de um terceiro espaço em situações de contato intercultural foi construído nas entrevistas.

### 9.2.1

#### Os posicionamentos do grupo de professoras brasileiras

O grupo brasileiro coonstrói uma definição de internacionalismo em diferentes movimentos. Talita utiliza a metáfora da “caixona” para definir o conceito de internacionalismo atribuindo um caráter estanque e fechado para o termo. Segundo esta figura de linguagem, o internacionalismo seria uma espécie de tentativa de unificação, uma tentativa de homogeneizar e formatar as sociedades de acordo com um modelo pautado por países economicamente e culturalmente poderosos.

Ao falar do novo currículo Talita utiliza a metáfora “colocar dendê no molho inglês” sugerindo uma ideia de mistura, de diálogo entre o que é proposto nacionalmente e a visão do currículo internacional. Já Andréia utiliza uma metáfora para caracterizar o novo currículo (“colocar um quadril 44 em uma calça 38”) comparando a realidade da instituição escolar, e as propostas do novo currículo. Enquanto o currículo é por ela definido como libertador, que dá autonomia aos professores e aos alunos, a instituição cerceia, aprisiona.

Estas imagens contraditórias coincidem não somente com as visões de Andréia sobre o currículo, mas também com sua descrição sobre sua trajetória de vida profissional. Márcia ressalta uma visão de internacionalismo pautada em uma questão de desenvolvimento de habilidades interpessoais, apontando o corpo discente como agente e paciente desta mudança, não se incluindo como participante desta nova proposta. Márcia reforça a necessidade de uma valorização mais exacerbada sobre o produto nacional e não se deixar desvalorizar ao estar em contato com a cultura de outro país.

### 9.2.2

#### Os posicionamentos do grupo de professores ingleses

O posicionamento de Paul sobre o internacionalismo e a implementação do novo currículo indica ser construído a partir de um olhar sobre o contexto local, ou seja, focalizado na identidade cultural do país em que a instituição está localizada. Segundo Paul, se o conceito de internacionalismo for pautado em noções locais, em relacionamentos interpessoais, a essência do conceito se perde. Já para Helen, o internacionalismo funcionaria em uma sala de aula internacional, aquela

em que se encontram representantes de diversas nacionalidades, de diferentes culturas, não em uma sala monocultural.

Ambas as participantes ao debaterem sobre o tema posicionam os dois grupos socioculturais em contato na instituição, brasileiros e ingleses, de forma dissociada.

### 9.3

#### Reflexões de ordem teórica e contribuições da pesquisa

Em minhas reflexões finais, destaco: (i) a teoria do posicionamento em uma abordagem interacional, no contexto da entrevista de pesquisa, em um processo de construção e coconstrução identitária; (ii) as estruturas metafóricas enquanto estratégias de construção das subjetividades face ao desafio do contato com o novo seja ele travestido de idioma, currículo ou cultura; (iii) o debate sobre o internacionalismo, no contexto da pesquisa, enquanto reflexão sobre a construção de identidades entre culturas, em um terceiro lugar.

- a) Teoria do Posicionamento em uma abordagem interacional no contexto da entrevista de pesquisa

Em consonância com os princípios teóricos sobre o modelo interacional de comunicação (Schiffrin, 1994), observamos que os entrevistados ao assumirem posicionamentos ao longo da entrevista coconstruíram e ressignificaram identidades individuais e coletivas. Ressaltamos a importância de reconhecer a situação de encontro face-a-face da entrevista qualitativa como mediadora da construção de espaços intersticiais, em que identidades são (re)configuradas marcando a construção de identidades híbridas, em movimento, como foi o caso das entrevistas desta pesquisa.

- b) Metáforas como estratégia de construção de subjetividades

Ao construirmos nossos *selves*, organizamos nossos sentimentos sobre nós mesmos e sobre as pessoas, mediante experiências e conhecimentos que são ressignificados na e pela fala-em-interação, de acordo com valores morais, culturais e princípios políticos. Tendo como questão central o lócus da enunciação e da lin-

guagem (Bhabha, 1998), observamos que as metáforas, enquanto “entrelaçamentos de jogos da linguagem” (Martins, 2006), estão impregnadas em nossas formas de vida, influenciando e sendo influenciadas pelo âmbito sociocultural, ideológico, intrapessoal e interpessoal em uma comunidade. As metáforas utilizadas pelos participantes das entrevistas construíram imagens de si e do outro em um imbricado que contribuiu para a configuração e reconfiguração de suas identidades.

Ao longo do processo de análise de dados (Capítulos 6, 7 e 8), houve dois momentos divergentes. Num primeiro momento, os professores tanto brasileiros quanto ingleses estabeleceram estereótipos em relação à cultura do outro em uma luta pelo reconhecimento da hegemonia de sua cultura sobre a outra. Em um segundo momento, ao debaterem sobre o novo currículo, o contato com a cultura do outro desperta insegurança.

As professoras brasileiras constroem posicionamentos sobre suas funções na instituição, no contato com o idioma e a cultura do outro e com o novo currículo, representados no discurso por metáforas. As metáforas relacionadas à ordem institucional relacionam-se às imagens que remetem a um aprisionamento do *self*, a uma desvalorização dos conhecimentos locais em detrimento da supervalorização da cultura do *out-group*. Já no que tange o novo currículo, as metáforas apontam para questões de liberdade e autonomia, de reconhecimento da cultura do *out-group* e do *in-group* para a construção de um entre-lugar institucional.

Os professores ingleses posicionam-se como membros de um *out-group* ao estarem em contato com os brasileiros, sejam eles alunos ou professores, estereotipando-os. Bhabha (2006) considera o uso de estereótipos enquanto estratégia discursiva de “conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre no lugar, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido” contribuindo para os processos de subjetivação. Paul utilizou uma metáfora para representar a situação de conflito entre o seu idioma e a cultura local. A imagem de uma luta travada com alunos ou de uma barreira cultural caracterizada pela cultura dos brasileiros levou-o a se posicionar reflexivamente como mau professor. Sendo assim, os movimentos metafóricos apresentados por Paul apontaram para momentos de reconfiguração identitária face ao conflito sociocultural emergente na instituição. Também Landowski (1997) observou “o que eu sou é o que você não é” agregando as questões sobre o reconhecimento da alteridade para que um sujeito possa apreender-se a si mesmo enquanto “eu”.

- c) O debate sobre o internacionalismo enquanto reflexão sobre a construção de um terceiro lugar entre as culturas

Para podermos mudar os paradigmas que nos aprisionam, é preciso desnudar os processos de dominação que, na maioria das vezes, constroem, de forma oculta, nossas identidades. As relações de poder, estabelecidas na sociedade, levam ao movimento de especulação sobre a identidade do outro. Segundo Bhabha (1996) “neste ponto, em que o colonizador apresenta uma prática hegemônica e normalizada, a estratégia híbrida abre um terceiro-espço de/para articulação de negociação e significados<sup>32</sup>”.

Como podemos nos posicionar neste contexto de relações de poder de ordem sociocultural em um debate sobre um currículo internacional? O debate sobre a nova proposta curricular e o conceito de internacionalização suscita questões sobre a construção de um entre-lugar institucional formador de identidades híbridas, que reconfigura as relações entre o “eu” e o “outro” em um espaço de contato intercultural. A construção social da hibridização das identidades não pressupõe um engessamento do indivíduo ao seu meio, mas sim a capacidade dele se diferenciar e individualizar-se a partir dessa interdependência com os demais indivíduos.

Bhabha defende um novo conceito de cultura híbrido, dinâmico, transnacional, em que o trânsito de experiências entre nações cria novos significados para símbolos culturais. Este conceito está ligado à questão da sobrevivência, quando os deslocamentos põem em choque diferenças culturais como é o caso das relações estabelecidas entre participantes desta pesquisa.

A partir do questionamento, da reflexão e do contato com o outro é que abrimos espaço para a criação de um terceiro lugar. Todos os participantes, incluindo a entrevistadora/pesquisadora, fazem parte desta comunidade heterogênea e estão passando por um processo de desestruturação mesmo que não percebiam. Estreitar relações com nossos medos, nossas angústias perante o novo, o desconhecido é também admitir-se possuidor dessa incompletude que nos é inerente, desse espaço intersticial ao qual pertencemos.

---

<sup>32</sup>At the point at which the coloniser presents a normalising, hegemonic practice, the hybrid strategy opens up a third space of/for rearticulation of negotiation and meaning. Bhabha, 1996

Nesta pesquisa, o outro pode estar travestido em forma de um novo currículo, de características culturais diversas, de um novo idioma, de uma nova forma de relacionamento, que retira de nós mesmos a segurança, abrindo as janelas para um mundo de possibilidades que suscitam nossa transfiguração, nossa reconfiguração. Mergulhar em nós mesmos é mergulhar no discurso coconstruído no contato permanente com o outro. Paradoxalmente, é a angústia perante o novo que nos move, é essa curiosidade inquieta que nos impulsiona, nos retira de nossas zonas de conforto e nos possibilitam o contato com uma outra versão de nós mesmos.

O desconforto trazido pelas situações de contato intercultural nos apresenta a situação fronteira entre o que faz parte da nossa bagagem histórica pessoal e profissional e o que é novo. Assim como a identidade, o processo de investigação qualitativa não é um processo fechado e imutável, logo esta pesquisa não se encerra aqui. Espera-se que este estudo possa contribuir para a relação entre a teoria do posicionamento e a construção de identidades de professores em situações de contato entre culturas, e possibilitar a construção de um novo olhar para as identidades híbridas formadas no entre-lugar sociocultural.